

FEMINIZAÇÃO COMO PROJETO DE VIDA DE JOVENS TRANSEXUAIS

FEMINIZATION AS YOUNG TRANSEXUAL WOMEN'S LIFE
PROJECT

BRENA O'DWYER¹
MESTRE EM SAÚDE COLETIVA

Resumo: A transexualidade vem sendo tratada pela medicina, especialmente a psiquiatria, como um transtorno mental. Em contraposição, as ciências humanas, principalmente os estudos de gênero, questionam esta classificação. Foi realizado um estudo qualitativo no qual quatro jovens transexuais entre 18 e 22 anos foram entrevistadas. O presente artigo procura descrever como acontece os procedimentos de modificação corporal no sentido de feminização das jovens. O corpo aparece como comunicador social especialmente no que concerne ao gênero. Apresento as reações iniciais de recusa da família a este processo e as negociações feitas pelas moças para serem aceitas no núcleo familiar. A conciliação com a família faz-se necessária em algum nível já que por serem jovens as moças dependem financeiramente da família.

Palavras-chave: transexualidade, juventude, feminização, projeto de vida

Abstract: Transexuality is considered by medicine, particularly psychiatry, as a mental illness. Human's sciences and gender studies see it otherwise and question this classification. A qualitative study was held and four transsexual women from the ages of 18 to 22 were interviewed. This article seeks to describe how the feminization process occurs. The body acts as a social communicator especially related to gender. I present the initial reactions from the families and the negotiations made by the young women to be accepted in the family. The conciliation with the family is necessary because the girls are still financially depended of their families.

Keywords: transexuality, youth, feminization, life project

A transexualidade vem sendo tratada pela medicina, em especial a psiquiatria, como um transtorno mental. Em contrapartida a esta visão patologizante de tal vivência as ciências humanas e os estudos de gênero buscam analisar a transexualidade como experiência de vida que opera fora do modelo binário que associa diretamente sexo anatômico e gênero. Este estudo enquadra-se nesta segunda linha.

¹ Mestre em saúde coletiva pelo Instituto de Medicina Social (IMS) da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ, Brasil) e graduada em ciências sociais pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ, Brasil). Área de pesquisa: gênero, sexualidade e direitos humanos. E-mail: brenaspina@gmail.com

A transexualidade é uma categoria “em constante negociação”, segundo Arán e Murta (2009). Trata-se da experiência de indivíduos que sentem um “desacordo entre sexo e gênero” (ARÁN e MURTA, 2009, p.22). Este não implica um “funcionamento psíquico” ou “estrutura clínica” diferenciada.

Os estudos de gênero e a teoria *queer* discutem a transexualidade como conflito identitário, denunciando a patologização de tal vivência (BUTLER, 2003; BENTO, 2006; ARÁN e MURTA, 2009). As “normas de gênero” (BUTLER, 2003) seriam a noção de que há um dimorfismo no qual existem domínios apropriados para a masculinidade e a feminilidade, estes refletiriam um campo ontológico de expressões corporais legítimas e ilegítimas. Bento (2006) entende o gênero como um campo social no qual existem posições hegemônicas e desvios. A autora parte das experiências *trans* para denunciar o suposto consenso das normas de gênero na vida social².

Considerar a transexualidade como doença deriva de uma sociedade que possui uma estrutura binária de gênero. Depende também do entendimento que cada um desses gêneros estará necessariamente associado a um corpo sexuado específico. Existem, no âmbito das sociedades ocidentais, normas de gênero que atribuem condutas e expectativas sociais aos indivíduos conforme seus corpos’ o “transexualismo”³ é a patologia do qual padecem os que fogem à regra.

O presente artigo⁴ tem como principal objetivo analisar o processo de feminização de quatro jovens transexuais – entre 18 e 22 anos – no que diz respeito ao abandono da figura masculina e a construção de uma identidade feminina que está de acordo com sua noção de si. O processo de feminização é aqui entendido a partir da noção de projeto de vida apresentada por Gilberto Velho (1994).

Existem singularidades geracionais no que diz respeito ao acesso à informação via *internet* já que as moças entrevistadas nasceram nos anos 1990 e cresceram com a popularização dos computadores, *internet*, mecanismos de busca *on-line* e redes sociais. Para além destas particularidades a juventude marca o início da separação do grupo familiar com o aumento da importância dos pares como ponto de referência (PAIS, 1993, p.8; HEILBORN, 2006).

A fase juvenil, nas sociedades contemporâneas, também tem se caracterizado como um momento de construção identitária, experimentação e erro. Esta fase da vida aparece no senso comum como momento legítimo para adquirir novos gostos, experimentações nas quais o erro é aceitável (BRANDÃO, 2006). Isto é, a juventude é vista como um momento de indecisão. Este

² Miskolci (2003) reitera que o “normal não é um dado natural e evidente, antes o resultado de discursos e práticas sociais” (p.109). Pelúcio (2004) expande tal argumento, explicitando que pessoas travestis são alocadas como desviantes. A estigmatização de pessoas transexuais segue lógica semelhante.

³ O sufixo “ismo” na psiquiatria indica uma patologia, enquanto o sufixo “ade” - reivindicado pelo movimento social - indica um estado e não tem conotação negativa. A utilização do termo entre aspas indica uma crítica à patologização.

⁴ Este artigo é fruto da minha dissertação de mestrado intitulada “A construção do gênero nas relações: um estudo com mulheres transexuais jovens e o processo de feminização”, orientada pela professora Maria Luíza Heilborn e defendida pelo Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva do Instituto de Medicina Social da Universidade Estadual do Rio de Janeiro em março de 2016.

axioma é socioantropologicamente questionado no presente trabalho a partir da valorização do discurso juvenil.

Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com quatro jovens entre 18 e 22 anos: Ana, Gabriela, Maria Eduarda e Vitória⁵. O processo de feminização e negociação com familiares foram eixos centrais abordados em todas as entrevistas. Gabi e Ana foram entrevistadas duas vezes via redes sociais virtuais já que residem em outros estados, com média de duas horas e meia por entrevista. Duda e Vitória foram entrevistadas uma vez cada, presencialmente por residirem no Rio de Janeiro, com duração média de três horas e meia por entrevista.

As quatro entrevistadas vivem com as famílias em áreas urbanas. Tem ensino fundamental completo e estão cursando ensino superior, todas em ciências humanas e/ou artes. A população *trans* vive em estado de vulnerabilidade (ARÁN e MURTA, 2009) e tem pouco acesso ao mercado de trabalho formal e a universidades evidenciando o perfil diferenciado das entrevistadas. Ainda assim, existem diferenças de classe entre as quatro. Ana vive em um bairro do subúrbio de sua cidade, é a única que já trabalhou e sua mãe faz parte do mercado informal de trabalho. Contrasta, portanto, com as outras três jovens que vivem em bairros centrais e cujos pais têm curso superior e trabalho formal.

Sigo a sugestão de Benedetti (2005) e Pelúcio (2004) que se referem às suas entrevistadas travestis no feminino para valorizar o trabalho de construção de gênero e respeitar a auto denominação.

PROCESSO DE FEMINIZAÇÃO

Este artigo gira em torno do processo de feminização enquanto projeto de vida (VELHO, 1994) de mulheres transexuais jovens⁶. Para tal, o corpo é analisado enquanto comunicador social especialmente no que diz respeito ao gênero. O processo de feminização é descrito a partir da narrativa nativa e fica patente a importância da *internet* como fonte de informação e para a sociabilidade das jovens como marcador geracional e etário.

O corpo é perpassado por um tratamento social e cultural de forma a “encarnar” diversos símbolos (LE BRETON, 2011, p.7). Segundo o autor, a noção de corpo na modernidade está atrelada ao individualismo.

O corpo contemporâneo é apanágio do indivíduo; é o que o separa dos outros e do mundo externo. Esta concepção do corpo é basal nas sociedades ocidentais contemporâneas e é em grande medida tributária da medicina.

⁵ Todos os nomes são fictícios para manter o anonimato das entrevistadas.

⁶ “Jovens” é uma categoria de identificação utilizada pelas entrevistadas. Acompanhando Pelúcio e Duque (2013), tratamos o “ser adolescente” e o “ser jovem” como conceitos acionados pelos próprios sujeitos para se auto definirem, independentemente dos registros legais oficiais ou de fixações etárias universalizadas oferecidas por organismos nacionais e internacionais como as apresentadas pelas agências especializadas ligadas à Organização das Nações Unidas (ONU) e que servem para balizar ações locais. Ao contrário, consideramos que estas são noções elaboradas cultural e historicamente; daí seu caráter político que coloca, frequentemente, em disputa essas classificações... mais do que pelos marcos oficiais que estabelecem faixas de idades que caberiam nos conceitos de adolescentes e jovens, tomamos as próprias percepções e definições das pessoas que integraram esta pesquisa quanto ao seu lugar etário” (p. 12 e 13).

O corpo é uma construção simbólica, não uma realidade em si... Ele nunca é um dado indiscutível, mas o efeito de uma construção social e cultural. A concepção mais correntemente admitida nas sociedades ocidentais encontra sua formulação na anatomofisiologia, isto é, no saber biomédico. Ela repousa sobre uma concepção particular de pessoa, que faz o ator social dizer “meu corpo”, segundo o modelo da posse. (LE BRETON, 2013, p.18)

O saber biomédico é a principal “representação oficial do corpo humano hoje” (LE BRETON, 2011, p.128). Entretanto, para o autor este tipo de saber faz parte de uma cultura erudita não compartilhada por todos os sujeitos. Ainda que a maioria dos indivíduos das sociedades ocidentais contemporâneas não procure ter acesso a esse tipo de conhecimento, ele não é totalmente estranho. Alguns grupos buscam ativamente o saber biomédico. Tal fato fica evidente com o caso de Vitória, que se diz uma “Ph.D. em endocrinologia” e critica seu médico por não saber o suficiente sobre o uso de hormônios.

A jovem faz uso de hormônio por conta própria. Em consulta com endocrinologista termina por ensinar o profissional qual tipo de substância considera mais eficaz. Sua fonte primária de informações, portanto, não é médica, mas a própria experiência e a troca de informações através de grupos de transexuais em redes sociais virtuais.

O corpo carrega diversos símbolos que caracterizam os sujeitos sociais. Muitos desses símbolos concernem ao gênero. Portanto, determinados signos identificam o corpo como feminino ou masculino (ZAMBRANO e HEILBORN, 2012). Por exemplo, seios e cabelos longos são lidos como atributos femininos e pelos faciais como masculinos⁷.

Le Breton (2011) descreve como nos anos 1960 surge um novo entendimento do corpo. Este passa a ser visto como fonte constante de prazer e aprimoramento; como uma espécie de acessório; “O corpo não é mais um destino ao qual nos abandonamos; ele é um objeto que fabricamos à nossa maneira... O imaginário contemporâneo subordina o corpo à vontade” (2011, p.247). As entrevistas realizadas exemplificam este argumento. As jovens modificam seus corpos para que ele esteja de acordo com seus desejos e sentimentos.

A noção de corpo como algo que “se tem” é tributária do individualismo enquanto valor central das sociedades ocidentais, constituindo uma noção específica de pessoa (DUARTE, 2012).

Marcel Mauss (1985) em seu estudo clássico “Uma categoria do espírito humano: a noção de pessoa e a noção de eu” inicia a discussão sobre a categoria de pessoa na escola sociológica francesa, demonstrando como a noção de indivíduo moderna ocidental foi historicamente construída⁸. Louis Dumont (1997) retoma tal debate e descreve esse fenômeno a partir da

⁷ Importante ressaltar que esses símbolos não são absolutos, pois variam de acordo com as culturas, com o tempo histórico e seus significados estão sempre em disputa. Os cabelos longos eram utilizados por homens no movimento *hippie* como forma de rebeldia contra o *establishment*.

⁸A noção de indivíduo moderno ocidental foi historicamente construída, mesmo que seja pensada como inata e natural. Marcel Mauss em seu artigo clássico “Uma categoria do espírito humano” (1979) analisa a gênese da ideia de “eu”, da noção de indivíduo moderna. A partir deste momento a pessoa passa a ser entendida como uma substância racional, indivisível e individual. Posteriormente essa substância vai se tornar uma categoria por obra de filósofos como Descartes que atribuem o pensamento à alma (“penso, logo existo”). Por fim, Fichte demonstra que todo fato de consciência é um fato do “eu”. Que a consciência individual, o caráter sagrado da pessoa é a condição da razão e da ciência. O individualismo

oposição entre sociedades holistas e individualistas. Segundo o autor, nas sociedades holistas o princípio organizacional é o da hierarquia, o todo prevalece sobre as partes e o mundo social é entendido como integrado.

Em oposição, nas sociedades individualistas a parte prevalece sobre o todo. O individualismo implica um determinado entendimento do mundo social; como composto de esferas autônomas – política, religião, economia, filosofia –, autocontidas e separadas. O individualismo pressupõe dois valores centrais - a igualdade e a liberdade - que por vezes estão em contradição. Segundo Dumont (1997), o individualismo prevalece nas sociedades ocidentais contemporâneas.

No Brasil, Gilberto Velho (1994) apropria-se da discussão dumontiana sobre individualismo nas sociedades complexas e reelabora a dicotomia antropológica clássica: indivíduo x sociedade a partir das noções de **projeto** e **campo de possibilidades**. O projeto é definido como um objetivo para o qual o indivíduo direciona seus recursos materiais e seu tempo.

O projeto não é totalmente subjetivo; ele é formulado dentro de um campo de possibilidades, isto é, “um repertório limitado de preocupações e problemas centrais” de cada cultura. Neste sentido, o projeto deve “fazer sentido” para as pessoas naquela cultura, precisa ser passível de comunicação embora nem sempre seja aceitável. Por tais condições, existe conflito entre determinados projetos e o campo de possibilidades, o que pode levar uma pessoa a ser tratada como desviante. O projeto pode ser aceitável fora do ethos familiar já que em uma sociedade complexa esta participa de diversos grupos. A condição de poder transitar entre diversos mundos sociais é uma possibilidade aberta para os jovens, visto que a internet amplia a participação em um campo de possibilidades mais extenso.

É possível compreender o processo de feminização como um **projeto** de vida das jovens entrevistadas, no sentido atribuído por Velho (1994). Ainda que sejam, em geral, consideradas desviantes pela família, o campo de possibilidades disponível para elas permite que esse projeto exista, mesmo que somente na *internet* e no grupo de pares. Justamente porque os indivíduos participam de mundos sociais diversos – no caso das jovens a família, os pares, a faculdade e grupos na internet – é que eles podem desenvolver projetos diversificados.

As entrevistadas relatam um intenso processo de construção corporal. Todos os corpos são socialmente produzidos e significados. Entretanto, as jovens fazem isto de maneira bastante ativa. O desconforto com o próprio corpo é amplamente narrado nas entrevistas, principalmente em relação a signos corporais identificados culturalmente como masculinos.

Vitória: eu não gostava de ficar excitada, eu odiava... Nunca tive barba, nada, bigode também não, a única coisa que acontece que me deu um desespero foi quando começou a crescer um buço, chegou um dia que tava tão crescendo e eu pensei “vou arrancar esse negócio”. Eu não sabia de nada de cera, nada disso, nunca tinha pesquisado e ninguém nunca tinha me falado.

é um valor no sentido que o sujeito se entende enquanto pessoa singular, individual, senhor de suas próprias vontades, mesmo sendo influenciado pelos outros.

Duda: É tudo muito recente porque, esse é um outro dado, em decorrência da minha auto rejeição em relação ao meu corpo, eu comecei a ter práticas afetivo sexuais⁹ muito tarde, muito tarde mesmo, coisa de dois anos pra cá.

A rejeição e mesmo o ódio ao próprio corpo aparecem como justificativa para as mudanças corporais. Elas argumentam saber que vão lidar com reações negativas e estigma por conta da feminização. Mesmo assim não abrem mão da feminização.

Larissa Pelúcio (2004), em artigo sobre como a construção do feminino ocorre entre mulheres travestis prostitutas no interior de São Paulo, propõe o conceito de “pessoas em processo”, pessoas “sempre em construção, nunca acabadas. Vão se fabricando a partir de diversas tecnologias, inclusive as de gênero” (2004, p.129). A construção da identidade de gênero e corpo desejados aconteceu e ainda acontece para as entrevistadas, podem ser entendidas como “pessoas em processo”. A aspiração por um corpo socialmente lido como feminino está em congruência com a recusa pelos símbolos corporais entendidos como masculinos e o sentimento interior de que são mulheres.

Duda reinterpreta a categoria médica de “disforia” e apresenta um modo particular de usar a palavra para descrever a relação complexa - muitas vezes de ojeriza - com o próprio corpo. A “disforia” no sentido êmico poderia ser sentida por qualquer pessoa e não só por pessoas transexuais.

Duda: Eu tinha muita disforia em relação... Então, acho importante botar que quando eu falo disforia eu não uso como termo médico, eu uso como linguajar que nós trans usamos entre nós. A gente tenta botar isso com um certo humor, disforia no sentido de desconforto mesmo com o corpo, tem partes do corpo que me causam desconforto então, uma coisa que a gente até fala “disforia não se explica” (risos), se eu falo que to com disforia com minha genitália eu não preciso ficar dando explicação... às vezes a gente não gosta do nosso nariz, mas não pode banalizar.

O corpo aparece em suas narrativas de forma ambivalente, ora como fonte de frustrações que levam ao processo de feminização; ora de forma positivada como *locus* favorável às transformações desejadas.

Dessa maneira, as entrevistadas modificam os corpos para deixá-los femininos, em congruência com seus desejos e sentimentos. A feminização pode ser entendida como um **projeto** (VELHO, 1994) no sentido em que elas descrevem a transformação como um objetivo de vida, racional e necessário para o qual gastam tempo e dinheiro.

Vitória: Durante muito tempo eu deixei isso no baú porque eu tive que pensar em muita coisa ao mesmo tempo - minha vida amorosa, eu mesma. Tive que passar uma adolescência que eu não tive, não tive minha adolescência de menina. Tive que viver agora em três anos. Até hoje o

⁹A expressão “afetivos sexuais” é utilizada pela entrevistada espontaneamente, não foi sugerida durante a entrevista. Isto se dá porque Duda estuda um curso de humanas na universidade e inclusive relata ter feito disciplinas sobre gênero e sexualidade.

peçoal fala “você é muito infantil, se veste com roupa de menina, shorts”... mas nas primeiras vezes que eu ouvia isso eu cagava e andava, foda-se, eu não vivi isso, não vivi minha infância, quero viver isso agora então por muito tempo me vesti igual menina... eu via meninas da minha idade, com 22 anos que nunca pensariam em comprar uma bolsa cheia de moranguinhos (mostra a bolsa e ri), e mesmo que mulher goste de coisas fofas e coisas assim, elas mesmas não tinham vontade mais, essas coisas tinham perdido a graça, elas tavam curtindo o momento da mulher madura, adulta, poderosa. Eu queria viver aquilo, olha minha bolsa (mostra novamente a bolsa de moranguinhos e florzinhas), eu tive que viver isso agora.

O processo de feminização – no caso das entrevistadas – foi procedido em duas etapas. Primeiro a identificação enquanto homem *gay* seguida da descoberta da transexualidade.

A ideia que gênero e sexualidade são dimensões distintas é amplamente debatida nos meios acadêmicos. Contudo, no senso comum há uma indistinção entre as categorias. No Brasil é comum ouvir referências a “homens de verdade” como apenas heterossexuais e que homens *gays* teriam a “alma feminina”. As trajetórias das entrevistadas convergem no que diz respeito à identificação de gênero enquanto menino, articulada à orientação sexual homossexual, para a formação de um perfil entendido como “afeminado”.

Vitória: Até esse dia eu ficava na minha cabeça, se você não tem os elementos na sua frente pra escolher você não faz aquela questão “quem eu sou?”. O que eu tinha na minha frente era gay, hetero, gay afeminado e gay masculino e pra mim eu era gay afeminado. Então, eu me encaixava naquilo porque se na sociedade só existe isso. Eu era isso, era assim que eu era classificada, mas mesmo assim sempre me senti fora daquilo, eu não me sentia bem, era esquisito. Eu tinha pensamentos que meus amigos gays não tinham... eu conheci ela (mulher transexual que apresentou a transexualidade para Vitória) e comecei a procurar na internet, primeiro procurei travesti e depois levou pra transexual. Quando eu li transexual foi bizarro.

Ana: Eu achava q¹⁰ havia gays q eram o lado feminino e gays q eram masculinos n compreendia q entre os gays é meio q uma troca... São homens q gostam de ser homens e q gostam de homens. N era algo q eu achava muito a minha cara, n era como eu me sentia... Mas se vc n gosta de mulher e é homem, vc só pode ser gay.

O momento da descoberta da transexualidade é narrado por todas as entrevistadas como emblemático. A descoberta da categoria “transexual” implica uma mudança de identificação. Deixam de se entender enquanto meninos *gays* e passam a identificar-se como *mulheres trans*.

Vitória: tinha uma descrição perfeita e completa e falava o que se passa na vida de um transexual, sofre disso e disso, tem tais pensamentos, sintomas, porque eles caracterizam como doença, e era como se estivesse descrevendo minha vida.

¹⁰A entrevista foi feita virtualmente. “Q” é uma abreviação e corresponde à palavra “que”, é amplamente utilizada na comunicação virtual.

Duda: Então, resumidamente, eu desde muito nova, desde muito nova eu já apresentava sinais do que eu queria, não entendia muito bem por falta de informação mesmo. Com 14, 15 anos eu descobri o que é transexualidade. Eu lembro que eu escutei algo na mídia porque antes a impressão que eu tinha era que ser transexual era ser intersex. Essa confusão que o senso comum acaba dando pra gente. Então, muito tarde eu fui descobrir o que era ser trans, então pra mim foi muito, foi um alívio por um lado e por outro lado foi um estigma muito grande porque eu descobri também que era uma patologia.

Ana: Vi uma entrevista dela (*relatando sobre a modelo Lea T*) e pensei “É isso, é como me sinto. Ela entende.”

O primeiro passo no processo de transformação corporal – na trajetória das entrevistadas – diz respeito ao cabelo. Cabelos longos são associados ao universo feminino. Deixá-los crescer permite uma espécie de trânsito. As moças podem começar a se feminizar sem precisarem explicar a situação para os pais, amigos e escola, por exemplo:

Vitória: Então, assim, a primeira pontinha deu deixar eu ser quem eu era foi deixar meu cabelo crescer. Tipo assim, eu sempre quis ter cabelo grande, desde que eu era pequena, criança, mas tinha muito aquela barreira da sociedade. Desde muito pequena, quatro ou cinco anos, eu me lembro de ser chamada, e levar broncas e intimidações preu não deixar externar quem eu era.

Gabi: Então, vê só, eu fui deixando meu cabelo crescer e fui usando roupas, tipo, short curto, camiseta que cai no ombro etc. E fui experimentando isso e me acostumando com a ideia e quando eu tive condições de comprar os hormônios, as roupas, o megahair, as coisas de garota.

Ana: Eu já tinha as duas orelhas furadas, fui deixando o cabelo crescer e fazendo depilação a laser.

A centralidade do cabelo enquanto signo de feminilidade fica evidente no caso de Duda, que está ficando calva e por isso usa perucas.

Duda: Então, eu tenho problema de calvície, isso daí, quando ela se desenvolveu foi muito difícil, muito difícil mesmo, entrei em depressão, tentativa de suicídio.

O segundo passo no processo é a compra de roupas femininas. Isto pode ocorrer de forma gradual como para Ana ou de forma brusca como fez Vitória.

Vitória: Eu troquei tudo num brechó e fui lavar as roupas pra tirar o cheiro de mofo e enchi o varal de roupa feminina e nem me toquei que minha mãe poderia ter um surto (risos), ela chegou no varal e viu milhões de coisas que nunca tinha visto, calcinha e sutiã e surtou, surtou, teve um ataque histérico, ela falou que ia tacar fogo, falou que eu era um monstro, que eu tava virando um travesti, uma anomalia, que era uma coisa assustadora, que eu não sabia o que tava fazendo, que eu ia acabar com a minha vida, ia me prostituir. Esse dia eu não voltei pra casa, eu tava na casa de um amigo e meu pai me ligou falando que minha mãe tinha surtado e ele estava abalado porque não sabia de nada, mas estava mais racional.

Ana: pouco a pouco fui me vestindo com coisas mais modeladas, mais apertadas, usando brincos maiores e usando pouca maquiagem, tudo muito gradual.

O consumo é essencial para a feminização. O ato de consumir faz parte do “universo feminino” no imaginário do senso comum. Os bens materiais agem como “comunicadores”, segundo Douglas e Isherwood (2009), servindo para classificar pessoas. As moças compram roupas e acessórios femininos de modo a construir seu gênero. Esses atos possuem uma intencionalidade concebida pelo do **projeto**.

Se o consumo funciona como um sistema classificatório e de informação, comprar vestidos e maquiagens ajuda a classificar as moças enquanto tais. O consumo aparece como uma prática eficaz de realização da feminilidade, comprar objetos que sempre foram desejados, mas eram proibidos, é descrito como uma fonte de prazer.

Ana: hoje eu sou uma consumista de carteirinha por assim dizer. É q¹¹ é maravilhoso poder comprar tudo q sempre sonhou, ter acesso as coisas q vc olhava outras meninas usarem e n poder usar. tem algo de poderoso nisto, em comprar, em dizer q eu posso tanto quanto qualquer mulher cis¹² comprar tudo q está na moda e tudo q elas compram. Sei lá, parece um discurso meio metido e elitista, mas há realmente um remédio nisto pra mulheres trans.

Roupas e acessórios não são as únicas coisas que precisam ser compradas. O uso de hormônios é essencial e estes são adquiridos em farmácias – quando a jovem opta por tomar pílula anticoncepcional – ou pela internet – quando o hormônio utilizado é injetável.

Três das quatro entrevistadas utilizam hormônios “femininos” e descrevem efeitos semelhantes. Redistribuição de gordura corporal de modo a arredondar quadris e coxas, afinamento da voz, surgimento de seios, diminuição do pênis acompanhada do fim da ereção e da ejaculação e diminuição dos pelos corporais. Os hormônios atuam sob o que é entendido como “caracteres sexuais secundários”, suprimindo os que são lidos socialmente como masculinos e exacerbando os que são entendidos como femininos.

A reação familiar inicial é de recusa. Os pais entendem que a transexualidade é “uma fase”, algo que “vai passar”, não aceitam, por exemplo, quando as jovens compram as primeiras roupas femininas ou pedem para que cortem o cabelo. Por isso as jovens precisam insistir no projeto, inicialmente sem apoio. Em determinado momento, no caso das entrevistadas, as famílias entendem que o desejo é real e duradouro e passam a apoiar as jovens em suas decisões, frequentar consultórios médicos e pesquisar sobre transexualidade.

A escolha do nome feminino é um momento emblemático do processo de feminização. Importante na formação identitária, já que o novo nome marca a entrada na nova vida com a identidade de gênero com a qual se identificam. Apesar de alguns problemas iniciais de aceitação

¹¹ A entrevista foi realizada virtualmente por isso as contrações “q” e “n” que significam “que” e “não” respectivamente são abundantes. Assim como “vc” que é uma contração para “você”.

¹² “Cis” quer dizer “cisgênero”. A pessoa “cisgênera”, diferentemente da pessoa transexual, está de acordo com o gênero designado no nascimento. É um termo êmico que tem sido adotado pela academia.

familiar, as entrevistadas escolhem seus nomes junto a seus parentes. O nome de Ana é sugestão do irmão e da mãe. Gabi também respeita as preferências maternas ao escolher o nome. Duda adota seu novo nome depois de uma visita ao trabalho da mãe. Por fim, Vitória apenas modifica o gênero do seu nome de batismo.

As entrevistadas precisam construir-se enquanto mulheres e serem socialmente reconhecidas desta forma.

Não existe um processo específico para a constituição das identidades de gênero para as pessoas *trans*. O gênero só existe na prática, na experiência, e sua realização se dá mediante reiteraões cujos conteúdos são interpretações sobre o masculino e o feminino em um jogo, muitas vezes contraditório e escorregadio, estabelecido com as normas de gênero. O ato de pôr uma roupa, escolher uma cor, acessórios, o corte de cabelo, a forma de andar, enfim, a estética e a estilística corporal são atos que fazem o gênero, que visibilizam e estabilizam os corpos na ordem dicotomizada do gênero (BENTO, 2014, p.44).

Ainda que pessoas transexuais e não *trans* repitam os mesmos atos, no caso das primeiras implica uma repetição ativamente pensada. As moças preocupam-se com a sua “passabilidade”.

Duda: Passável é uma categoria que nós trans temos, é uma categoria problemática, mas é uma categoria senso comum entre a gente, que é passabilidade *cis*, que é você acaba não sendo identificada como *trans* e não tem estigmas, muitas mulheres trans o objetivo de vida delas é ser passável, é uma transição que no final das contas você é uma mulher completa, enfim aquele estereótipo todo que a gente tá acostumado a ver.

A “passabilidade” é o reconhecimento social de que fazem parte do gênero feminino com o qual se identificam. Por exemplo, uma mulher transexual “passável” será chamada de “senhora” em um estabelecimento, evitando constrangimentos. Portanto, a “passabilidade” é simultaneamente um mecanismo de proteção contra o preconceito e a violência e o indicador de sucesso do processo de feminização.

Em 1967, Garfinkel conhece Agnes no consultório do psiquiatra Robert Stoller. Agnes narra sua história, conta aos profissionais que foi criada como menino até chegar a puberdade quando passou a desenvolver características secundárias femininas e a se identificar como mulher. Agnes é operada na clínica de Stoller por ser considerada intersexual. Garfinkel (1967) chama de “*passing*” os esforços de Agnes para ter gestos e apresentações femininas e a aprovação social deste comportamento, isto é, para as pessoas que conviviam com Agnes características comportamentais e corporais masculinas não eram mais identificáveis. Levanto a hipótese de que a palavra “passabilidade” decorra deste termo.

O termo “passabilidade” é descrito como uma categoria específica da comunidade *trans* ainda que seja problematizada por Duda. A criação e utilização de categorias, palavras e formas de falar específicas são modalidades de criação identitária. Além disso, dividir uma “linguagem” também ajuda a produzir um senso de comunidade (SÍVORI, 2013).

A narrativa das moças entrevistadas parece não conter “segredos”, contam como desde a infância já sentiam algo diferente, mesmo na fase em que se identificavam como meninos *gays* sabiam que não era exatamente aquilo, a insistência no cabelo grande pode exemplificar isso. Esse discurso está próximo da narrativa dos entrevistados por Carmem Dora Guimaraes (2004) acerca dos “entendidos” que reiteravam saber desde cedo que eram homossexuais. Mesmo que o momento de tomada dos depoimentos esteja próximo a infância ou adolescência traz marcas semelhantes às de adultos que afirmam sempre ter sabido.

JUVENTUDE

Desde a escola dos Annales na França, nos anos 1950, com o projeto de uma história das mentalidades, as ciências humanas tomam as etapas da vida como efeitos da classificação de sociedades particulares e, portanto, afirmam o caráter cultural, histórico e arbitrário da categoria juventude. Só se é jovem em relação a outras pessoas, a juventude é um dado biológico manipulado socialmente (Bourdieu, 2006, p.112). “Tradicionalmente, os jovens costumam ser vistos como um grupo social que expressa a transmissão de valores no sentido da continuidade ou ruptura social” (Brandão, 2006, p.66).

A etapa juvenil em sociedades modernas-contemporâneas é marcada pela coexistência de diversas moralidades; em sociedades complexas os sujeitos transitam por diferentes mundos sociais. “Essas diferenças manifestam-se, basicamente, em termos de trajetória social, grupo de *ethos* e projetos” (Velho, 2002, p.1).

Velho (2006) demonstra que esses indivíduos por pertencerem a grupos distintos, com características por vezes contraditórias, precisam negociar suas realidades.

Os jovens criam projetos e desenvolvem suas trajetórias dentro de determinados campos de possibilidades, no qual a família ainda é central, mesmo que esteja perdendo espaço para outras formas de sociabilidade. Este afastamento do núcleo familiar ocorre através do grupo de pares que se tornam grupos de referência por meio de amizades e namoros.

A juventude é marcada pelo início da separação do grupo familiar, aumento da importância dos pares e pela entrada na vida amorosa. É um momento de transição para a vida adulta e de construção de identidade. Nas sociedades contemporâneas, a juventude tem se caracterizado também como um momento inconstante e descontínuo no qual o papel familiar é ambivalente; como locus referencial, mas que está sendo substituído por outros grupos de socialização.

Segundo Brandão (2006), contemporaneamente a adolescência no imaginário coletivo é um momento de instabilidade, imaturidade e crise identitária. Por essas razões, não seria apropriado tomar decisões importantes neste período.

Isso se reflete na vida das entrevistadas no sentido que elas são interpeladas pelos pais sobre a certeza em relação à feminização e se não seria “só uma fase”.

Vitória: Eu tive uma conversa muito franca com ela (*a mãe*) e ela foi bem controlada, mas deu uma surtada e falou coisas horríveis pra mim, “você já pesquisou isso na internet? É um circo,

um monte de anomalia, pessoas horrorosas, homem vestido de mulher”, falou coisas negativas, mas eu tive maturidade de ver que naquele momento ela estava sofrendo mais do que eu e que ela estava totalmente por fora e aí fui super paciente, explicando, eu já tinha pesquisado muito, já tinha muitas amizades e mostrei pra ela que era normal e que pra mim também já pareceu completamente anormal por muito tempo da minha vida, que eu já tinha pensado que nem ela e depois passei a ver que não, que era muito mais normal do que eu imaginava, que ela também ia compreender, mas eu disse que compreendia ela estar impactada porque eu já passei por isso, eu que to passando na pele já passei por isso, imagina ela. Foi uma conversa positiva, ela falou que eu tinha que pensar muito que isso poderia acabar com várias coisas da minha vida, que isso teria um custo muito grande, eu poderia nunca ter um emprego, que eu poderia acabar com a minha vida e que era preu não me vestir assim no meu emprego ou na faculdade, só fazer isso em outros lugares e eu “mãe, cai na realidade, eu não sou Victor, sou Vitória”.

As entrevistadas entendem a juventude como um momento de transição. Não a encaram a partir da ótica da dúvida entendida pelo senso comum como tipicamente juvenil, mas como o momento para transformar a aparência de masculina para feminina. As moças entendem o momento de vida como de mudanças. Consideram-se “jovens” e desejam “curtir”, simultaneamente iniciam o processo de feminização.

A juventude é, portanto, entendida pelas moças como um momento de transição e novas possibilidades. A entrada na universidade é vista como possibilidade de reinvenção pessoal na qual as moças podem passar a apresentar-se como mulheres. Entretanto, a realidade universitária nem sempre corresponde a tais expectativas. Duda descreve como entrou no ensino superior com o objetivo de começar seu processo de feminização. No seu primeiro período foi a um hospital junto com uma amiga que fez na faculdade, mas descobriu que não havia mais vagas.

Duda: Eu entrei na universidade já com esse objetivo, ahm, aí eu cheguei lá teve essa complicação toda, se não me engano, foi uma mulher que me falou que só teria vaga em novembro.

O processo de construção identitário é patente das sociedades contemporâneas e não apenas ao momento da juventude. Entretanto, esta fase da vida é socialmente marcada como o momento legítimo em que isto pode ocorrer. O momento onde a experimentação e o erro dessa construção ficam em evidência nessa fase da vida.

As moças se mostram determinadas em relação à feminização. Algumas abraçam a identidade transexual totalmente enquanto outras a questionam. Isto está de acordo com o observado por Coelho (1990) na análise de dois grupos juvenis - um de jovens católicos e outro de jovens atores - e na qual demonstra como a pertença a esses determinados meios de sociabilidade é essencial para a construção identitária de tais jovens. Entretanto, esses jovens acionam essas categorias identitárias de acordo com o contexto. Atitude semelhante ocorre com as entrevistadas desta pesquisa; ser transexual é importante para suas identidades, mas é uma

categoria contextualmente acionada. É ao mesmo tempo entendida como essencial pelas moças e como uma das diversas dimensões que compõem suas identidades. Ana comenta:

Ana: N¹³ acho q seja algo q me define, sabe? Minha voz é bem grossa, então n tenho q falar nada, as pessoas sabem... mas n é algo q comento. Falo abertamente pqn tenho vergonha disso, mas quando questionada, quando apropriado.

O deslizamento entre as identidades transexual e travesti também ocorre com frequência. A travestilidade é associada à militância feminista e a uma forma politizada de se situar no mundo. Duda explica:

Duda: eu até acho que prefiro em vez de trans prefiro a nomenclatura travesti porque eu acho mais honesto comigo, trans me parece um pouco um certo distanciamento que o meio intelectualizado trans quer ter com pessoas travestis, porque travesti tá muito vinculado à prostituição, estigma e tal, mas eu acho que prefiro travesti pra mim.

A categoria “travesti” é reivindicada enquanto identidade num contexto político porque travestis são ainda mais estigmatizadas que pessoas transexuais, assim, colocar-se como travesti é uma forma de assinalar para a vulnerabilidade dessas pessoas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A trajetória das jovens entrevistadas converge no que diz respeito ao processo de feminização. Este pode ser pensado como realizado em etapas. Antes do processo em si as jovens se auto identificavam enquanto meninos *gays* de perfil afeminado; em determinado momento – seja pela mídia ou por encontros com mulheres *trans* – descobrem o que é transexualidade. Este momento indica uma virada na trajetória.

O encontro inicial com a nova categoria faz com que as jovens façam pesquisas sobre o assunto que, por sua vez, as levam a se auto identificar enquanto meninas/moças *trans* abandonando a identidade masculina e iniciando um processo de construção identitária feminina que perpassa mudanças corporais significativas.

As primeiras etapas do processo de feminização dizem respeito a retirada de pelos corporais, deixar o cabelo crescer e comprar roupas e acessórios socialmente identificados como femininos. Posteriormente a isso, na trajetória das entrevistadas, aparece a utilização de hormônios que atuam no que são considerados “caracteres sexuais secundários” abrandando os socialmente lidos como masculinos e intensificando os socialmente lidos como femininos.

Também é parte importante do processo revelar a nova identidade à família. Nenhuma das famílias das entrevistadas aceita a transexualidade em primeira instância, as jovens escrevem cartas, dormem alguns dias nas casas de amigos e tem discussões com os pais.

¹³ Interessante lembrar que a entrevista foi feita através de *chats* virtuais e por isso há a utilização de palavras como “q” significando “que” e “n” representando “não”.

Entretanto, na trajetória das moças, a família eventualmente aceita a vontade pelo abandono da figura masculina e o desejo pelo processo de feminização. Mesmo assim, é importante destacar o momento no qual a jovem permanece com o projeto independente do apoio familiar.

Relatos sobre histórias familiares de violência são comuns entre pessoas *trans*. Neste sentido, as jovens entrevistadas destoam. Uma hipótese explicativa para a aceitação familiar seria por serem de famílias de classe média e alta com acesso ao ensino superior. Outra hipótese é que a maior visibilidade da transexualidade no movimento LGBT e na mídia traz maior aceitação.

O “sucesso” do processo de feminização é expresso na categoria êmica de “passabilidade”. A mulher transexual passável é aquela que não é reconhecida como *trans* nas interações sociais.

Já a “disforia” é uma reapropriação da categoria médica que caracteriza uma angústia e ansiedade de forma a justificar o processo de feminização. O que permite que as moças sigam com o projeto é justamente o sentimento de “disforia” em relação ao próprio corpo e seu senso de identidade feminina.

Por fim, é necessário destacar o papel da *internet* através dos mecanismos de busca e das redes sociais para obtenção de informações que permitam o processo de feminização. As moças entrevistadas nasceram nos anos 1990 e cresceram com o início da popularização dos computadores e da internet. Assim, a internet aparece nos discursos como um *locus* de socialização importante e como um meio para obtenção de informação. É através dela, especialmente por meio de redes sociais virtuais como o *Facebook*, que elas obtêm informações sobre a utilização de hormônios, sobre como conversar com a família e dicas de consumo sobre, por exemplo, em quais lojas podem comprar sapatos de salto alto tamanho 42. Em termos de sociabilidade, as comunidades virtuais aparecem como um marcador geracional importante.

As redes sociais virtuais permitem a formação de grupos em torno de interesses em comum. Existem diversos grupos sobre transexualidade; essas moças transitam por eles e além de obter informações fazem amizades. Portanto, a internet aparece também como veículo importante na sociabilidade juvenil contemporânea.

REFERÊNCIAS

- ARÁN, Márcia [e] MURTA, Daniela. “Do diagnóstico de transtorno de identidade de gênero às redescrições da experiência da transexualidade: Uma reflexão sobre gênero, tecnologia e saúde”. *Physis: revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, jan. 2009. p. 15-41.
- BENTO, Berenice. *A reinvenção do corpo: Sexualidade e gênero na experiência transexual*. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.
- _____. “*Queer o que?*”. *Revista Cult*, 2014.
- BENEDETTI, M. R. *Toda feita: O corpo e o gênero das travestis*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.
- BOURDIEU, Pierre. “A ilusão biográfica”. Em: AMADO, Janaína [e] FERREIRA, Marieta de Moraes. *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
- BRANDÃO, Elaine Reis. “Gravidez na adolescência: Um balanço bibliográfico”. Em: HEILBORN, Maria Luiza; AQUINO, Estela; BOZON, Michel [e] KNAUTH, Daniela Riva (orgs.). *O aprendizado da sexualidade: Reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros*. Rio de Janeiro: Garamond, 2006. pp. 63-97.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- COELHO, Maria Claudia Pereira. “Jovens atores e jovens católicos: Um estudo sobre metrópole e diversidade”. *Comunicação PPGAS/MN, UFRJ* n. 18, 1990, pp. 26-46.
- DOUGLAS, Mary [e] ISHERWOOD, Baron. *O mundo dos bens: Para uma antropologia do consumo*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.
- DUARTE, Luiz Fernando Dias. “Pessoa e indivíduo”. Em: LIMA, Antonio Carlos de Souza. *Antropologia e direito: Temas antropológicos para estudos jurídicos*. Rio de Janeiro: Laced, 2012, pp. 141-145.
- DUMONT, Louis. *Homo Hierarchicus: O sistema das castas e suas implicações*. São Paulo: Edusp, 1997.
- GARFINKEL, Harold. *Studies in Ethnomethodology*. Malden: Blackwell, 1967.
- GUIMARÃES, Carmen Dora. *O homossexual visto por entendidos*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.
- HEILBORN, Maria Luiza. “Entre as tramas da sexualidade brasileira”. *Estudos Feministas*, vol. 1, n. 14, 2006. pp. 43-59.
- LE BRETON. *Antropologia do corpo e modernidade*. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.
- MAUSS, Marcel. « Une catégorie de l'esprit humain : La notion de personne celle de 'moi' ». Em: *Sociologie et anthropologie*. Paris : PUF, 1985, pp. 333-361.
- MISKOLCI, Richard. “Reflexões sobre normalidade e desvio social”. *Estudos de sociologia*, vol. 13, n. 14, 2003, pp. 109-125.
- PAIS, J.M. *Culturas juvenis*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1993.
- PELÚCIO, Larissa. *Travestis e a (re)construção do feminino: Gênero, corpo e sexualidade em um espaço ambíguo*. *Antropológicas*, ano 8, vol. 1, 2004. pp. 123-154.
- PELÚCIO, Larissa [e] DUQUE, Tiago. “... depois querida, ganharemos o mundo’: Reflexões sobre gênero, sexualidade e políticas públicas para travestis adolescentes, meninos femininos e outras variações”. *Revista de Ciências Sociais da UFC*, vol. 44, n. 1, 2013. pp. 10-43.
- SIVORI, Horacio Federico. *Localspeak: Verbal Interaction in the Argentine Gay Ambiente of the 1990s*. CLAM, *Sexuality, Culture and Politics – A South American Reader*, 2013, pp. 284-305.
- VELHO, Gilberto. “Juventudes, projetos e trajetórias na sociedade contemporânea”. Em: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de [e] EUGENIO, Fernanda (org.). *Culturas Jovens: Novos mapas do afeto*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006, pp. 192-200.

- _____. “Projeto, emoção e orientação em sociedades complexas”. Em: VELHO, Gilberto. Individualismo e cultura: Notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. Rio de Janeiro: Zahar, 2002, pp. 14-37.
- _____. “Trajetória individual e campo de possibilidades”. Em: Projeto e metamorfose: Antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.
- ZAMBRANO, Elizabeth [e] HEILBORN, Maria Luiza. “Identidade de gênero”. Em: LIMA, Antonio Carlos de Souza (org.). Antropologia e direito: Temas antropológicos para estudos jurídicos. Rio de Janeiro: Laced, 2012, pp. 412-419.